



**DERIVAÇÃO OU FLEXÃO DE GRAU:
A Formação Dos Substantivos no Diminutivo
DERIVATION OR DEGREE FLEXION:
The Formation of Nouns in the Diminutive**

RIBEIRO, Catarina Borges de Oliveira¹

RESUMO

Este artigo demonstra a importância do estudo do diminutivo na Língua Portuguesa Brasileira e como ele é abordado na gramática normativa e descritiva, sendo aquela abordagem mais frequente nos livros didáticos e, conseqüentemente, ensinada nas escolas. Logicamente, para uma análise correta a respeito do tema, classificar-se-á também o substantivo. O artigo abordará, ainda, o diminutivo nos substantivos como um recurso derivacional, não como flexão de grau. A intenção deste trabalho, pois, é apontar que o tema deve ser melhor esclarecido nas aulas de português, ensinando aos alunos as nuances estilísticas, além das gramaticais, acerca do diminutivo, priorizando, também, os textos que estejam dentro da realidade dos estudantes. Nesse sentido, analisar-se-á, na prática, o exposto, com intuito de confirmar essas as alterações semânticas. Os gêneros textuais escolhidos como corpus são: artigo de opinião, charge e propaganda.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Substantivo; Diminutivo.

ABSTRACT

This article demonstrates the importance of studying the diminutive in the Brazilian Portuguese Language and how it is approached in normative and descriptive grammar, with that approach being more frequent in textbooks and, consequently, taught in schools. Logically, for a correct analysis on the subject, the noun will also be classified. The article will also address the diminutive in nouns as a derivational resource, not as inflection of degree. The intention of this work, therefore, is to point out that the theme should be better clarified in Portuguese classes, teaching students stylistic nuances, in addition to grammatical ones, about the diminutive, also prioritizing texts that are within the students' reality. In this sense, the above will be analyzed in practice, in order to confirm these semantic changes. The textual genres chosen as corpus are: opinion article, cartoon and advertising.

¹ Graduada em Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa, pela UNESA; Mestranda em Língua Portuguesa, pela UERJ, Graduada em Letras Língua Portuguesa – Alemão, pela UERJ, Pós-Graduada em Ensino de Língua Portuguesa, pela FASOUZA. catarinauerj@gmail.com

Keywords: Portuguese Language; Noun; Diminutive

1. INTRODUÇÃO

Considerado como uma forma afetuosa e precavida de falar, o uso do diminutivo supera as descrições rígidas da gramática ao ser usado na fala para expressar os mais diversos tipos de sentimentos e sensações, fugindo da ideia literal que indica a significação diminuída de algo, em geral um substantivo em que se acrescenta um sufixo -inho ou -zinho.

Destaca-se que a NGB aborda a temática como flexão de grau, enquanto alguns gramáticos consideram o aumentativo e o diminutivo como um processo derivacional. De acordo com a visão clássica da gramática, portanto, o grau indica variação de grandeza, logo ele estabelece uma relação quantitativa ou até afetiva entre significações nominais ou verbais, equiparando a flexão de grau à flexão de gênero e número.

No entanto, essa não é uma concepção absoluta, visto que alguns estudiosos abordam o tema como um processo derivacional, considerando, por exemplo que o acréscimo de sufixos não é um procedimento obrigatório, logo, quando ocorre, o resultado é um novo vocábulo. Ademais, é possível diferenciar a flexão de grau da derivação, ao dizer que aquela é sistemática, coerente e obrigatória ao passo que esta não.

Considerando, assim, o diminutivo como um processo de derivação, logo um procedimento opcional feito pelo usuário da língua, cabe analisar também as questões semânticas ligadas à questão, o quanto influencia na comunicação o emprego de vocábulos no diminutivo e como isso afeta a visão que se tem do português falado no Brasil. Analisar-se-á, para tanto, alguns gêneros textuais de grande alcance entre os brasileiros, os quais fazem parte da rotina comunicativa dos falantes: a charge, a notícia e a propaganda.

2.A CLASSIFICAÇÃO DO SUBSTANTIVO

Inicialmente, cabe apontar a definição morfológica do substantivo conforme exposto na gramática, pois os termos que iremos analisar nos gêneros textuais selecionados são majoritariamente substantivos, logo é importante compreender suas características.

De acordo com a gramática descritiva do Professor José Carlos de Azeredo (2009) o substantivo é “tradicionalmente identificado e definido como ‘palavra’ que dá nome aos seres em geral, reais ou imaginários” (p. 165), mas não apenas isso, Azeredo acrescenta que a definição não engloba determinados conceitos como justiça, lentidão, covardia, que também fazem parte do grupo dos substantivos (p. 165). Nesse sentido, pode-se dizer que o que caracteriza um termo como substantivo decorre de três critérios: semântico, morfológico e sintático (AZEREDO, 2009, p. 165).

Mattoso Câmara Jr. destaca que o critério semântico está pautado no significado extralinguístico da palavra, quanto ao critério mórfico tem-se a possibilidade de flexão do termo e a derivação e, por último, o sintático está associado a função que o substantivo desempenha no enunciado (CAMARA JR. *Apud* ROCHA; MESCKA, 2012, p. 91).

De acordo com esses critérios, pode-se elencar as características abaixo:

- a) dá nome às parcelas de nosso conhecimento representadas como entidades ou conceitos;
- b) serve de núcleo às expressões referenciais no texto;
- c) é passível de análise em unidades mórficas menores – radical e afixos – segundo o paradigma em que se enquadra;
- d) desempenha as funções sintáticas de sujeito e de objeto direto da oração. (AZEREDO, 2009, p. 165)

Como se pode ver no item “c”, é possível o acréscimo de afixos aos substantivos, o que se mostra relevante para o estudo acerca do uso do diminutivo, já que, neste trabalho, não se fala em grau diminutivo, mas sim em processo derivacional.

Cabe mencionar que, diferentemente da gramática descritiva acima elencada, a gramática normativa se atém apenas ao critério semântico para caracterizar o

substantivo, é o que se pode notar na explicação de Thomas Rocha e Paulo Mescka (2012), justificando que tais gramáticas apenas mencionam a propriedade do substantivo de nomear os seres:

Substantivo é a palavra com que nomeamos os seres em geral, e as qualidades, ações, ou estados, considerados em si mesmos, independentemente dos seres com que se relacionam. (ROCHA LIMA Apud ROCHA; MESCKA, 2012, p. 93).

Substantivo é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos objetos substantivos, isto é, em primeiro lugar, substâncias (homem, casa, livro) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (bondade, brancura), estados (saúde, doença), processos (chegada, entrega, aceitação). (BECHARA Apud ROCHA; MESCKA, 2012, p. 93).

A classificação baseada apenas no critério semântico, apesar de correta, não deve ser vista como a única, afinal, ela se torna insuficiente. Conforme justificam Rocha e Mescka, tal classificação é mais associada a gramática filosófica, uma vez que questiona o que se entende por “coisa”, “ser” e “substância”, conceitos abstratos que não deveriam fundamentar definições gramaticais (2009, p. 93). Outro problema que pode ser encontrado, a partir da definição da gramática normativa, é o não apontamento acerca do substantivo nos enunciados.

Nesse sentido, cabe ainda mencionar que algumas gramáticas normativas, assim como a NGB, apontam que o substantivo flexiona em gênero, número e grau, sendo este último um dos pontos de debate desta pesquisa:

Tratamento semelhante encontramos em outros gramáticos, como Bechara (s/d), Luft (1987) e Lima (1997). A própria NGB afirma que substantivos e adjetivos se flexionam em gênero, número e grau: quanto aos substantivos, a flexão de grau se manifesta como aumentativo e diminutivo, e, quanto aos adjetivos, como comparativo e superlativo. (SOUZA, 2008, p. 184)

Como dito anteriormente, adotou-se neste artigo que o substantivo pode receber o acréscimo de afixos (AZEREDO, 2009, p. 165), e, portanto, pode formar o diminutivo a partir de sufixos. Além disso, pode-se dizer que a “principal distinção entre derivação e flexão reside, pois, no fato de a primeira não constituir um processo

obrigatório e sistemático para o léxico da língua” (SOUZA, 2008, p. 145). Outrossim, conforme explica Mattoso Câmara Jr. citado por Souza:

A maioria dos nomes, em língua portuguesa, apresentam a possibilidade de, com o auxílio de alguns sufixos, transmitir sua sig- nificação aumentada (-aça, -aço, -alha, -alhão, -anzil, -ão, -arão, -aréu, -arra, -arrão, -az, -ázio, -eirão, -ona, -uça, -udo etc.), ou diminuída (-acho, -eco, -ejo, -ela, -elho, -eta, -icho, -ico, -inho, -isco, -ito, -ote, -únculo etc.). (...) Esse processo não é obrigatório, como lembra Câmara Jr. (1979, 1987), mas quando ocorre, resulta num novo vocábulo. Temos, segundo o linguista, derivatio voluntária. (MATTOSO CÂMARA Apud SOUZA, 2008, p. 184).

Para finalizar a explicação a respeito da derivatio voluntária e diferenciá-la da derivatio naturalis “faz-se uma distinção, na descrição gramatical, entre morfemas que criam novas palavras, ditos de “derivação”, e morfemas de flexão, que adaptam cada palavras às condições específicas de dado contexto” (SOUZA, 2008, p. 146).

Sendo assim, considerando o diminutivo como uma ferramenta linguística voluntária por parte do falante, o uso frequente desse recurso tornou a fala do brasileiro conhecida como a língua do afeto, como “brinca” Luís Fernando Veríssimo na crônica “Diminutivos”:

O diminutivo é uma maneira ao mesmo tempo afetuosa e precavida de usar a linguagem. Afetuosa porque geralmente o usamos para designar o que é agradável, aquelas coisas tão afáveis que se deixam diminuir sem perder o sentido. E precavida porque também o usamos para desarmar certas palavras que, na sua forma original, são ameaçadoras demais. (VERÍSSIMO, 1994)

O que leva a uma análise prática a respeito do uso do diminutivo no cotidiano dos brasileiros, como uma tentativa de compreender, semanticamente, as nuances desse recurso.

3. ANÁLISE DO CORPUS

Os gêneros textuais selecionados para explicar a questão semântica do uso dos diminutivos fazem parte do cotidiano dos brasileiros, quais sejam: artigo de opinião, charge e propaganda.

O artigo de opinião selecionado tem como título: “É só uma gripezinha” de Mirian Goldenberg, a qual foi veiculada no jornal Folha de São Paulo no dia 16 de setembro de 2020. A charge selecionada é de autoria de William Leite, cujo título é “Pronunciamento do atleta” veiculada na página “Will Tirando” no dia 26 de março de 2020. Por fim, as propagandas são: “Dá para viver na cidade com o pezinho na areia” feita por Reynaldo Gondim para a marca Havaianas em 2010. Além da propaganda “Maminha, fraldinha, linguicinha, e esse diminutivo continua no preço” feita pela publicitária Priscila Perovano para a Vila Fruti.

a) “É só uma gripezinha” de Mirian Goldenberg, a qual foi veiculada no jornal Folha de São Paulo no dia 16 de setembro de 2020 e “Pronunciamento do atleta” veiculada na página “Will Tirando” no dia 26 de março de 2020.

Apesar de gêneros distintos, o uso do substantivo “gripe” se deu do mesmo modo nos dois contextos.

Figura 01 - charge



Fonte: Will Tirando

Ambos os gêneros contextualizam a fala do Presidente da República em relação à pandemia da COVID-19, uma doença causada pelo coronavírus (SARS-COV-2), a qual deixou o mundo transtornado e em quarentena por conta do alto índice de mortalidade e o modo fácil com que é transmitida. A notícia aborda de um modo crítico e rebate a postura do Presidente a respeito da pandemia, apontando dados científicos que consolidam a opinião da autora, e de muitos estudiosos, acerca da fala do político. Já na charge, como é típico do gênero, o cartunista torna a postura do político digna de uma piada e satiriza a fala dele.

A doença que começou na China em poucos meses chegou a todos os países, independente de continente e distância. No entanto, cada um teve uma postura diante

do problema global e, a fala acima – ironizada – reflete a postura do Chefe de Estado do Brasil.

De acordo com o dicionário Houaiss, temos a seguinte definição para gripe e pandemia:

Gripe: enfermidade infecciosa, virótica, contagiosa, e muitas vezes epidêmica, que se caracteriza por estado de abatimento geral e presença de sintomas variados, como febre, congestionamento das vias respiratórias, dores de cabeça e de garganta.

Pandemia: forma de manifestação de doença infectocontagiosa devida a mutações, com aumento de virulência do agente biológico, aliadas a más condições de higiene, caracterizada por alta morbidade e mortalidade, com similitude de sintomas e grande disseminação, em curto espaço de tempo, por várias regiões do planeta.

Nesse sentido, a partir do substantivo gripe, para a formação do diminutivo, de acordo com a gramática do Professor Evanildo Bechara (2009):

Plural dos nomes com o sufixo -zinho – Põem-se no plural os dois elementos e suprime-se o s do substantivo, consoante a regra ortográfica oficial(...)
Os sufixos diminutivos -inho (-ito, etc.), -zinho (-zito, etc.) têm hoje uma distribuição regular, conforme o final da palavra básica:

a) se termina por vogal átona ou consoante (exceto -s e -z), a escolha é materialmente indiferente, apesar de aparecerem nuances de sentido contextuais: corpo Ô corpinho (com queda da vogal temática) / corpozinho (a forma básica intacta); flor Ô florinha / florzinha; mulher Ô mulherinha / mulherzinha;

b) se termina por vogal tônica, nasal ou ditongo, é de emprego obrigatório -zinho (-zito, etc.); boné Ô bonezinho; siri Ô sirizinho; álbum Ô albunzinho; bem Ô benzinho; raio Ô raiozinho. Com -zinho evitam-se hiatos do tipo irmãinha, raioito, etc. (BECHARA, 2009, p. 106-107)

Então temos: gripe – gripes – gripezinha, o acréscimo do sufixo –zinha. Por se tratar de um substantivo feminino o sufixo recebe “a” ao final, e por ser uma palavra que termina com vogal tônica o emprego de –zinho é obrigatório para formar o diminutivo.

Nesse sentido, cabe, no momento, avaliar a questão semântica de “gripezinha”. É importante pensar na função intertextual dos dois textos comentados para relacionar o conteúdo dos textos a fala do presidente.

“Gripezinha”, a partir do ponto de vista do interlocutor – o Chefe de Estado – tem o objetivo de diminuir, reduzir a importância de um problema que tem alcance mundial. Percebe-se, na fala do político, a intenção de mascarar e até mesmo ironizar a preocupação excessiva de alguns líderes e cientistas da área médica. Além de ignorar a morte de milhares de pessoas por conta da doença.

A partir do ponto de vista da autora do artigo de opinião, Miriam Goldenberg, nota-se uma postura de crítica, o título “É só uma gripezinha”, reproduzindo a fala do então presidente, funciona para captar a atenção do leitor, instigar a curiosidade. No decorrer da leitura, percebe-se o posicionamento contrário da colunista em relação à fala presidencial.

Quanto à charge, o humor, sempre presente no gênero, conquista o leitor pelo diálogo entre a morte e o presidente, que prefere ignorar a realidade global e deixa que aquela escolha por ele as palavras “certas” para a sua manifestação em rede nacional. Gripezinha então é usado de modo irônico, uma vez que é de interesse da “morte” – personagem da charge – que as pessoas acreditem se tratar de algo pequeno e comum.

B) “Dá para viver na cidade com o pezinho na areia” feita por Reynaldo Gondim para a marca Havaianas em 2020:

Figura 02 - Havaiana



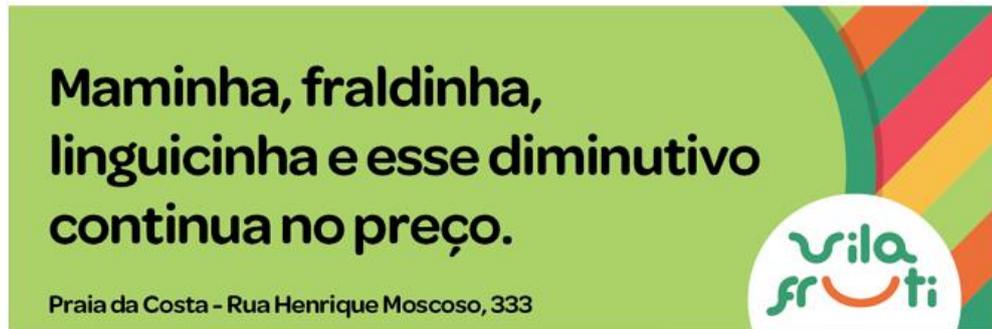
Fonte: Discutindo a redação

Nessa propaganda, pode-se mencionar a mesma formação de substantivo destacada acima, pois temos um substantivo masculino terminado em vogal tônica.

A formação de “pezinho” no anúncio acima não significa um pé pequeno, como seria a análise do diminutivo sem avaliar a questão semântica do texto. Há, por traz da propaganda, o objetivo de suavizar e tornar mais delicada a possibilidade de estar sempre próximo à praia.

C) “Maminha, fraldinha, linguicinha, e esse diminutivo continua no preço” feita pela publicitária Priscila Perovano para a Vila Fruti:

Figura 03



Fonte: Cargo Collective

Nesta propaganda é interessante mencionar que há, apenas, um substantivo no diminutivo: linguicinha. Isso ocorre porque “maminha” e “fraldinha”, no contexto, são cortes de carne que já possuem esse nome, portanto não se trata do acréscimo do sufixo –inha.

O dicionário online Houaiss define maminha e fraldinha como:

Maminha: substantivo feminino.

1. mama pequena
2. m.q. mamilo (no sentido de “bico do peito”)
3. mamilo masculino
4. leite materno
5. carne bovina que corresponde à parte mais tenra da alcatra (no sentido de “peso de carne de primeira”).

Fraldinha: substantivo feminino. Corte de carne bovina situado entre o filé-mignon e a ponta da agulha.

Linguíça, o único substantivo evidentemente no diminutivo, termina por vogal átona, acrescenta-se o sufixo –inha, por ser palavra feminina, coloca-se o “a” ao final.

O uso das palavras com final –inha, na propaganda, serve para apontar que no mercado os melhores cortes de carne estão com um pedaço bem pequeno, o que pode ser notado na fala “o diminutivo também continua no preço”.

Além de aproximar o cliente, pois o uso do diminutivo no contexto mencionado serve para criar uma relação amigável entre os consumidores e o mercado, também traz uma ideia de que os preços são baixos e, portanto, atrativos para os clientes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve o intuito de apresentar, brevemente, alguns pontos conflituosos na gramática de Língua Portuguesa: o diminutivo nos substantivos como um processo de derivação e não flexão de grau, bem como a questão semântica do diminutivo, a partir da análise de gêneros textuais presentes no cotidiano dos estudantes, dos falantes do português.

É importante, portanto, pensar em métodos eficazes de ensinar a formação do diminutivo nas aulas de português, sendo uma das minhas sugestões o uso de variados gêneros textuais, não apenas a reprodução da gramática, tampouco de frases simples retiradas de um contexto e ensinadas de modo isolado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss**. São Paulo: Publifolha, 2009.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, Hélia Coelho Mello. “Diminutivo: o grau que afaga ou afasta”. In: **Revista Philologus**, ano 20, nº 60, Supl. 1: Anais da IX JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL,

set./dez.2014. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/60sup/078.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2020.

EMILIO, Aline. “Diminutivo x grau normal: um fenômeno estilístico no enfoque da abordagem variacionista”. *In: Revista da ABRALIN*, vol. II, nº 1, p. 9-49, julho de 2003. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/52677/32385>>. Acesso em: 10 out. 2020.

FRALDINHA. *In: HOUAISS, Grande Dicionário*. Disponível em:<https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#3>. Acesso em: 15. Out. 2020.

GOLDENBERG, Mirian. “É só uma gripezinha”. *In: Folha de São Paulo*. 16 set. 2020. Disponível em:< <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/miriangoldenberg/2020/09/e-so-uma-gripezinha.shtml>>. Acesso em: 10 out. 2020.

GONDIM, Reynaldo. **Dá para viver na cidade com o pezinho na areia**. 2010. Disponível em: <<https://discutindoaredacao.wordpress.com/2010/12/09/assassinato-da-lingua-portuguesa-em-legitima-defesa/#more-207>>. Acesso em: 12 out. 2020.

LEITE, Willian. **Pronunciamento do atleta**. Paraná: Porecatu. 2020. Disponível em: <<http://www.willtirando.com.br/page/14/>>. Acesso em: 10 out. 2020.

GRIPE. *In: HOUAISS, Grande Dicionário*. Disponível em:<https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#1>. Acesso em: 15. Out. 2020.

MAMINHA. *In: HOUAISS, Grande Dicionário*. Disponível em:<https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#3>. Acesso em: 15. Out. 2020.

NIEDERAUER, Carina M. M; CERZOLI, Andréia Inês Hanel. “Uma descrição semântica para o uso do diminutivo”. *In: Antares Letras e Humanidades*, v. 11, nº 23, 2019. Disponível em: <<http://ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/7718/3924>>. Acesso em: 02 out. 2020.

PANDEMIA. *In: HOUAISS, Grande Dicionário*. Disponível em:<https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#2>. Acesso em: 15. Out. 2020.

PEROVANO, Priscila. **Maminha, fraldinha, linguicinha e esse diminutivo continua no preço**. Disponível em: <<https://cargocollective.com/priscilaperovano/Campanha-Inauguracao-Vila-Fruti>>. Acesso em: 11 out. 2020.

ROCHA, Thomas; MESCKA, Paulo Marçal. “Análise comparativa das definições de substantivos e verbos nos compêndios de gramática normativa perspectiva”. *In: Erechim*, v.36, n.136, p.89-99, dez. 2012. Disponível em: <http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/136_310.pdf>. Acesso em: 07 out. 2020.

SOUZA, Alexandre de Melo. “Retomando a discussão: grau - flexão x grau – derivação”. *In: Só Letras Revista*, nº 16, p. 143-157, Rio de Janeiro: Faculdade de Formação de Professores – UERJ, jul./dez. 2008. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/5018>>. Acesso em: 03 out. 2020.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. “Diminutivos”. *In. Comédia da vida privada*. 101 crônicas escolhidas. Porto Alegre: LP&M, 1994.